

Os caminhos de leitura da poesia

Susana Scramim



Percursos da poesia brasileira – Do século XVIII ao XXI
Antonio Carlos Secchin
Editora Autêntica
368 páginas
R\$ 59,80

O conjunto de ensaios que dá forma à obra *Percursos da poesia brasileira – Do século XVIII ao XXI* resulta da intensa relação que seu autor mantém com esse gênero literário. Excetuando-se os inéditos “Gonçalves Dias: Poesia e etnia”, duas partes de “Álvares de Azevedo: Morfeu & a musa”, “Cenas do baile”, “As ruas” e “Ferreira Gullar: Essa voz somos nós”, trata-se de reunião de ensaios escritos entre 1996 e 2014 e publicados em outros livros do poeta, crítico e professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Antonio Carlos Secchin. Todos pretendem ser retomados mediante outro princípio de leitura, sob outra imagem daquilo que o autor denomina “a poesia brasileira”. Tomou-se como princípio organizativo a releitura de sua própria obra a partir de distanciamento crítico em relação a si mesmo. Age por semelhança ao princípio com o qual João Cabral de Melo Neto, em 1982, operara a leitura crítica de sua poesia na antologia por ele mesmo organizada: *Poesia crítica: Antologia*. Como Cabral – que assumiu o ofício do antologista como atividade crítica –, o livro de Secchin não se pretende doador de um sistema formalizado de teoria literária cujos fundamentos estejam calcados na historiografia tradicional, contudo investe em contabilizar os “efeitos” que esses mesmos textos, relidos em outro momento, obtiveram nesse “amadurar” inexorável que o tempo impõe às coisas. A partir da visão de conjunto dos ensaios reunidos, observa-se que a imagem da poesia brasileira ali conformada é algo em processo, vale dizer, não está restrita a uma imagem congelada nem mesmo evoluída no tempo, porque são incluídos no rol de obras analisadas alguns livros e autores que não configuram no cânone histórico-literário, destacando-se nele as obras contemporâneas.

O próprio autor declara que os textos foram escritos com a motivação de obter uma justificativa para se ler determinado poeta em contextos históricos específicos. Mesmo estando orientada por um princípio de leitura no qual o primado das questões estéticas foi dominante, a construção dos argumentos teve que lidar com aquilo que não era propriamente estético no modo de analisar. A releitura histórica – mesmo que sem

intenção revisionista – já se insere em outra área do saber que não a da estética moderna. Se tomamos o qualificativo “estético” na faculdade de julgar as obras, constatamos que é resultado de uma equação entre os problemas suscitados pelas grandes questões humanas e, portanto, subjetivas, e os meios expressivos – diga-se, no caso da poesia, a capacidade de reconhecimento das possibilidades materiais que a língua oferece ao sujeito para a construção do belo. O sentimento informa a harmonia e o equilíbrio entre essas funções cognitivas: subjetivas e formais.

Julgar a obra é reconhecer nela essas questões. Nesse sentido, julgar é uma prática que tem a ver com o ato de identificar-se, pressupondo-se que esses valores sejam universais. Quando esses ensaios, escritos sob a égide do estético entendido desse modo, são recolocados em outra cena, o valor que prima é o do histórico, que é impessoal e está regido por outros valores formais. A antologia dos ensaios que seleciona e renomeia sua obra cria nova obra ensaística, uma vez que está inserida em temporalidade outra. A ideia de pensar historicamente sua própria produção ensaística é confirmada pelos termos “percurso” e “do século XVIII ao XXI”. No sumário, constata-se a referência às datas originais de publicação. Em “Poesia e desordem” (1996) declara-se a necessidade de a poesia situar-se no presente, não deixando de ser o que ela é, e, com “Memórias de um leitor de poesia” (2010), aposta na leitura aberta a infinitas combinações. O percurso de leitura se inicia com a poesia de Tomás Antônio Gonzaga – diga-se, marco da substância de literatura brasileira, conforme a definição estabelecida pela obra de Antonio Candido –, finalizando com “Paulo Henriques Britto, desleitor de João Cabral” (2014), tomado como uma tentativa de incluir sua poesia nessa mesma ideia de literatura brasileira, uma vez que retoma criticamente a poesia de Cabral – última obra a consolidar o cânone nacional –, portanto, encontrando-se a obra de Henriques Britto, desde logo, incluída nessa tradição.

Susana Scramim é professora titular de teoria literária da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e autora de *Alteridades na poesia: Riscos, aberturas, sobrevivências* (Editora Iluminuras).

Correspondência literária

Leopoldo Waizbort



Conversa cortada:
A correspondência
entre Antonio Candido
e Ángel Rama.
O esboço de um projeto
latino-americano
(1960-1983)
Pablo Rocca (editor)
Ernani Ssó (tradutor)
Edusp/Ouro sobre Azul
232 páginas
R\$ 48,00

Não é incomum a correspondência de grandes intelectuais ser pouco imponente ou significativa, mas alimenta e garante conhecimentos dados e crescentes. Quando transcorre entre golpes, ditaduras e censuras, não cabe esperar grandes revelações.

A correspondência do uruguaio Ángel Rama (1926-1983) e Antonio Candido de Mello e Souza (1918-2017) tem ouro, mas é preciso lavrar, pois não se mostra ao primeiro olhar nem está onde se poderia imaginar: quatro ou cinco cartas de Gilda de Mello e Souza a Ángel, apresentadas ao final do volume, como anexo. Essas cartas entram para o livro de tombo da epistolografia nacional, pela dicção incomparável, a construção de uma subjetividade tecida com a mais sutil das urdiduras, que se revela de um modo muito natural, despojado, simples, sem contudo jamais perder uma certa reserva; cumplicidade e amizade, responsabilidade, dificuldades e percalços são apresentados, e o demônio que perturba a missivista (“entre o ardor e o desespero”, diz seu marido), sem ser jamais revelado por inteiro, aflora naturalmente, permanecendo no entanto em sombra. No balanço de revelar e esconder, emerge uma autora que domina a arte da carta, transformando por vezes um informe em obra de arte, um pedido em dádiva, em que nada se perde e tudo está em seu lugar; uma escrita, uma dicção, uma subjetividade encantadoras, por vezes comoventes, embora sem sentimentalismo algum.

Mas não se espera de uma resenha da publicação das cartas sobranes de dois eminentes críticos literários que ela se demore em algum anexo, por mais excepcional que ele seja, e ainda mais de autoria de outrem. Que se leiam, então, as 87 cartas que o volume colige, correspondência incompleta e permeada de lacunas preenchidas por conversas telefônicas e encontros pessoais. O cartear não testemunha uma grande amizade, embora se considerassem amigos; não apresenta, ainda, uma discussão teórica ou analítica; não revela intimidades nem novidades. Em grande medida, é preenchida pelos trâmites editoriais da Biblioteca Ayacucho, sob a responsabilidade de Ángel. Não é só isso, decerto: é um cartear em tempos de ditaduras e repressão, em que muito não pode ser dito: “O mundo piorou muito, e a situação brasileira

também”, diz o brasileiro. Há menções às dificuldades em São Paulo, com a universidade atacada e as aposentadorias compulsórias, a censura, e algo mais; sobre o golpe no Chile e seu raio de ação e impacto; sobre os sucessivos exílios e dificuldades de Ángel em Montevideú, em Caracas, nos Estados Unidos, assim como seus sonhos europeus, interrompidos pelo fatal acidente de avião.

Antonio e Ángel conheceram-se em 1960, quando o primeiro foi a Montevideú ministrar um curso, e até 1983, quando o uruguaio falece, mantiveram contato, sobretudo por meio de cartas. Havia muito interesse e preocupação comuns; embora Ángel fosse apenas oito anos mais jovem, considerava Antonio um mestre e procurou, em diversas ocasiões, firmar a admirada precedência. Sobretudo o esforço, enorme em Ángel, de vencer o insulamento das diversas literaturas da América Latina – buscando conhecer sempre mais e de modo mais variado, almejando uma verdadeira comunicação entre as diversas culturas e suas literaturas – é apresentado com vigor nas cartas, e a contrapartida do crítico brasileiro não se faz por esperar. Acompanhamos a colaboração na Biblioteca Acayuacho, empresa incrível, monumento, exigindo de Ángel quase tudo, de Antonio a colaboração calibrada por entre suas outras atividades e preocupações. Vê-se aí o esforço conjunto na formação de redes internacionais de pesquisadores, mobilizados em interesses comuns: o amplo projeto, nas palavras de Rama, de “pensar a nossa cultura e a nossa América. [...] reescrever a história da literatura latino-americana, isso que nunca se fez e que nós estamos obrigados a fazer”.

A atividade de publicista em meio às dificuldades, Ángel em Montevideú e Caracas, Antonio – com a revista *Argumento* – em São Paulo, oferece também um paralelo eloquente. Embora haja, aqui e ali, referências aos textos em elaboração e finalizados, a correspondência não joga luz nesse terreno – ressalva feita ao caso de Gilda, que revela por inteiro a gênese de seu *O tupi e o alauú-de* (1979). Não é uma “grande” correspondência, em nenhum sentido, mas conta sua história. Que venham mais, e de todos os lados!

Leopoldo Waizbort é professor titular no Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).